

Almanaque



Marinho Lopes, investigador na Universidade de Exeter

“Sempre fui uma criança muito modesta”

Se acontecesse um cataclismo e só pudesse salvar três músicas quais seriam?
Dada a ambiguidade da questão, em vez de proteger três composições musicais, salvava três compositoras: nunca ouvi a minha mãe a cantar, mas assumindo não precisar de credenciais, ela teria um lugar na minha Arca de Noé... desculpem, “Arca de Marinho”. A Mariza e Dulce Pontes seriam as outras duas felizardas (que teriam de certo facilidade na composição de novos fados inspirados pela catástrofe).

Está no baile da aldeia e dá-lhe uma vontade repentina de dançar. Quem convidaria para seu par?
Telefonava ao 112, pois uma tal vontade seria com certeza o prenúncio de alguma grave maleita. Que remédio usa para baixar a tensão? Desaperto o cinto e continuo a comer.

Qual o roteiro para um dia perfeito?
Acordo 10 segundos antes do despertador; levanto-me sem pesar; enquanto recordo o sonho deslumbrante que tive, encontro um pequeno manjar à minha espera; saio à rua e o Sol brilha (se estiver em Inglaterra, creio já estar a fantasiar em demasia); por artes do acaso, encontro-me numa floresta, junto a um lago, comigo tenho um livro, um caderno e uma caneta; passo o dia a ler e a escrever, iluminado por uma estranha inspiração. Faço um piquenique com a minha tágide e talvez aproveite ainda para dar um mergulho nas águas límpidas e convidativas do lago. À noite, as estrelas agraciam-nos com a sua luz e assistimos a uma bela chuva de estrelas cadentes que rasgam uma magnífica aurora boreal.

Vai ter um jantar romântico à luz das velas. Que ementa prepara?
Se o jantar tem de ser à luz das velas imagino que não paguei a conta da luz, o que é grave, pois o meu fogão é eléctrico. Bom, não tem problema: faço uma fogueira com alguma mobília dispensável (quem é que precisa de cadeiras quando se pode sentar no chão?) e faço o meu fantástico puré de batata com bacalhau (que deveria ser no forno, mas dadas as condições terá de ser assado).

O que faria se acordasse milionário?
Fechava os olhos e continuava a dormir.

Que personagem de Hollywood gostaria de ter sido?

Batman, mas mudava-me para uma cidade mais calma.

A justiça foi injusta, o tribunal enganou-se e vai ter de estar em prisão domiciliária durante um ano. Três objectos indispensáveis...

Se tivesse um computador com acesso à internet nem notava que estava preso. Para completar, queria a minha cama e uma escova de dentes.

Se, por acaso, algum dia morrer, como gostaria de ser recordado?

Como o “gajo que sobreviveu à sua própria morte”.

O sonho que comanda a vida é...

Contribuir para um mundo melhor.

I'll be back! De onde é que sai com esta frase mítica?

Casa de banho?

Vai para Tenerife assistir a uma demonstração de colchões, mas decide desviar o avião. Para onde?

Para um hospital? Entre dançar e ponderar assistir a uma demonstração de colchões, receio pela minha sanidade mental.

Se tivesse de passar seis meses numa ilha deserta, quais seriam os três livros que levaria?

O Livro do Desassossego, de Fernando Pessoa, que quero reler. *Os Miseráveis*, de Victor Hugo, que ainda não li e me parece ter páginas suficientes para alguns dias desses seis meses. Por fim, um livro em branco, para eu escrever.

Em criança, quando fosse grande, gostaria de ser...

Primeiro queria ser banqueiro, pois não fazia ideia de onde mais poderia usar a Matemática. Depois queria saber tudo e, por isso, pensei que, como historiador, pudesse abarcar todo o conhecimento da Humanidade. Eventualmente, percebi que a História se limitava, muitas vezes, a pequenas histórias, pelo que a troquei pela Física, a Ciência capaz de explicar o Universo. Como se depreende, sempre fui uma criança muito modesta.

Avó 'Linda



Mesa de Cabeceira Raquel Martins

Os olhos piscam devagar quando és velhinha. Se fores mesmo muito velhinha, piscam pequenos e devagarinho. A vida toda em slow motion, como se a cada vez que fechas os olhos, não tivesses a certeza de que os podes voltar a abrir. Para quem está de fora, ver-te assim a desistir de vez - e não te tiro razão nenhuma - de cada vez que piscas os olhos, pareces estar a querer confundir ainda mais esta humanidade-pânico. Serás tu ou serei eu a morrer ali? Ora velhinha, ora bebé. Numa cama, parecemos todos o mesmo.

Tinhas uma promessa tácita de viver para sempre. Mas quem te visse ali, a dar o dito por não dito, não imagina uma vida tão cheia de dedo em riste às convicções.

Sabes, avó, a tua geração não é esta. Quem te visse ali, não saberia nunca o que é mandar dois filhos para a guerra. Não sabe o que é perdê-los. Ou ao amor da tua vida. Viver em ditadura e esconder pessoas em casa, pela calada da noite. Ver um irmão preso pela PIDE. Perdê-lo. As portas sempre abertas para quem tivesse fome e frio. As portas sempre abertas. Não sei em que parte da vida ficaste tão dura. Tão teimosa. Quem te visse ali, não saberia nunca a importância que davas aos caminhos do pinhal. Ao mar. O valor que tem, saber o nome de cada rocha de São Pedro. E saber que Moel se escreve com O e porquê.

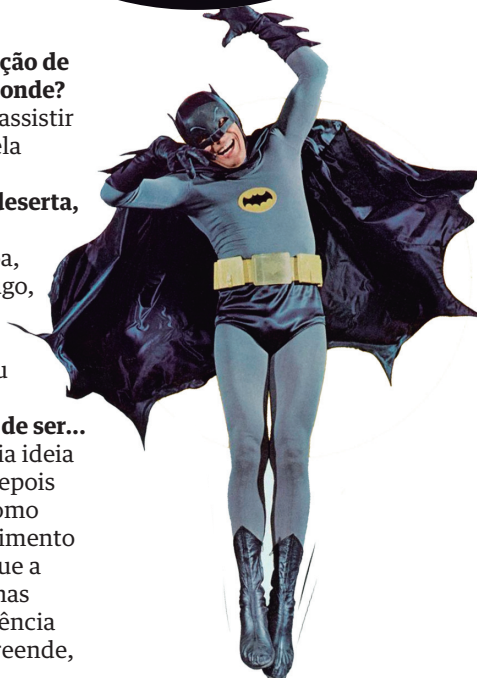
Disseste sempre que a tabuada não se conta pelos dedos. Usa a cabeça! Mas até tu, avó, se te visses ali, saberias que nem sempre a cabeça consegue fazer as contas certas à vida. O coração então, coitado, anda por aí feito parvo. Mas ainda bem.

Quem te visse ali, avó, não saberá nunca que nos deste os livros. A cultura. A liberdade de experimentar a vida contra todos os teus avisos. Contra todas as tuas previsões. A liberdade de partir o coração à James Dean medícras por ter sempre o teu a servir de backup. A medida certa de todas as coisas. Uma tabuada infalível. A família. Sempre a família.

Quem te visse ali, não te imaginaria tão rija. Tão forte. As pernas cansadas, os olhos cegos e, ainda assim, as mãos agarradas a cartas de amor carcomido pelo tempo.

Avó, quem te visse ali, não via o teu coração. Desde o dia em que te chamaram Olinda e ficaste, para sempre, avó 'Linda por defeito. No teu caso, por virtude.

Mariza



Realizadora, pessoa criativa de conteúdos